

# jornal da tarde

## A DURA DECISÃO DE DENUNCIAR

Oito anos de surras

**É** nas segundas-feiras que o amor vira caso de polícia — dia em que a paixão selada com a aliança no dedo termina em ódio e um par de algemas. Em que o começo de um sonho escrito na certidão de casamento tem um final melancólico registrado num boletim de ocorrência. Nas segundas-feiras, as policiais das Delegacias de Defesa da Mulher vêm os últimos capítulos dos romances iguais aos de novela mexicana se transformarem em filmes com cenas de agressão. E trabalham dobrado: as delegadas abrem inquéritos contra maridos, as escritas ouvem as queixas das esposas. Então, com fraturas e hematomas, as mulheres que insistiam em mudar o comportamento de um homem violento só conseguem aumentar as estatísticas policiais.

Por que tudo isso acontece nas segundas-feiras? "É nesse dia que há o maior número de registros de ocorrências. Geralmente as mulheres são espancadas nos finais de semana pelos maridos ou companheiros, que passam mais tempo em casa e exageram na bebida. Então, esperam que eles saiam para trabalhar nas segundas-feiras e vão registrar as queixas", explica a delegada Carlinda de Almeida, da Assessoria Especial das Delegacias de Defesa da Mulher, que chefiava as 105 delegacias especializadas no atendimento de mulheres vítimas de violência no Estado.

Por isso, hoje — exatamente uma segunda-feira — foi o dia escolhido pela Rede Globo para o começo da veiculação de uma campanha alertando as mulheres para o slogan "Não se deixe agredir. Denuncie. A impunidade aumenta a violência". Seis atrizes (Aracy Balabanian, Eva Wilma, Eva Todor, Heloísa Mafalda, Maria Zilda e Neusa Borges) se revezaram no vídeo para, em mensagens de 30 segundos, anunciarem os resultados de uma pesquisa feita pela emissora nas Delegacias de Defesa da Mulher de todo o País e nos resultados da Comissão Parlamentar de Inquérito da Câmara dos Deputados que investigou os crimes contra as mulheres (veja os dados da pesquisa no quadro ao lado).

Luis Lobo, diretor da área de Projetos Especiais da Globo, diz que a campanha, prevista para mais adiante, foi antecipada com o assassinato da atriz Daniella Perez. "Estamos vivendo um momento de impacto e é preciso chamar a atenção para esse clima de violência", diz Lobo. Os números da delegada Carlinda, porém, revelam que as mulheres, as maiores interessadas na punição de seus agressores, nem sempre querem que o crime tenha castigo. Dos quase 20 mil boletins de ocorrência registrados no primeiro semestre do ano passado no Estado, apenas 8.945 se transformaram em inquéritos.

"Quando percebem, depois de registrada a queixa, que o marido pode ir preso ou abandoná-las porque foram na delegacia, elas mentem, dizem que caíram e se machucaram. Então, o inquérito é arquivado", explica Carlinda de Almeida. E, segundo ela, uma mulher só vai à delegacia depois de sofrer muita violência. "A mulher tem de ter fibra e auto-estima para poder se libertar do agressor", diz a delegada. E a paixão, nesses casos, é o maior problema que a polícia enfrenta para levar adiante a punição dos culpados: "Mesmo apanhando, algumas continuam vivendo com os companheiros e tentam justificar a agressão. Chegam até a dizer 'coitado, ele só me bate quando bebe' ou 'ele estava nervoso e fui eu que provoquei'".

## A MOÇA QUE NÃO QUER SE QUEIXAR

Já apanhou duas vezes

Cecília, uma relações públicas de 24 anos, casada há apenas cinco meses com um publicitário, já viveu alguns momentos de violência. "A primeira vez foi durante o namoro", conta. "Ele tinha bebido muito, até hoje toma pelo menos três copos de uísque por dia. Então, comecei a dizer que eu ia trair-lo e me agarrou pelo braço. Tive uma fratura no pulso." Um mês depois do casamento, outra agressão: "Ele bebeu de novo e me chutou". Cecília se separou? Deu queixa na polícia? Não. "Se desse queixa, perdia o marido. E não quero isso. Sou apaixonada por ele", justifica.

Depois da violência, o publicitário, de 32 anos, foi avisado. "Deixei claro que não sou mulher de apanhar, que não vou suportar mais isso", conta Cecília. Ela, porém, se esforça para acreditar que, um dia, o marido irá mudar. "Ele não estava em seu estado normal. O problema não é dele, é da bebida. Eu quero acreditar nisso." Mesmo que outros espancamentos aconteçam, Cecília não sabe o que irá fazer. "Depende da agressão", diz. Polícia, então, nem pensar. "Pode ser que quando me bateu eu deveria registrar uma queixa. Mas, nessas horas, a gente só quer esquecer e esconder de todos o que houve. Agora, só fico esperando que isso não aconteça nunca mais."

**QUANDO FICAVA VIOLENTO, ESTAVA IMPLODINDO DE CANSAÇO. MAS ERA APENAS UM MINUTO DE PERDA DE CONTROLE. QUANDO FRATUROU MEU BRAÇO, ME LEVAVA CAFÉ NA CAMA E PEDIA PERDÃO.**

(Marina, 45 anos, casada durante 24 anos com um empresário.)

**PODE SER QUE, QUANDO ME BATEU, EU DEVERIA REGISTRAR UMA QUEIXA NA DELEGACIA. MAS, NESSAS HORAS, A GENTE SÓ QUER ESQUECER E ESCONDER O QUE HOVE. ENTÃO, FICO ESPERANDO QUE NÃO ACONTEÇA NUNCA MAIS.**

(Cecília, relações públicas, 24 anos, casada com um publicitário)

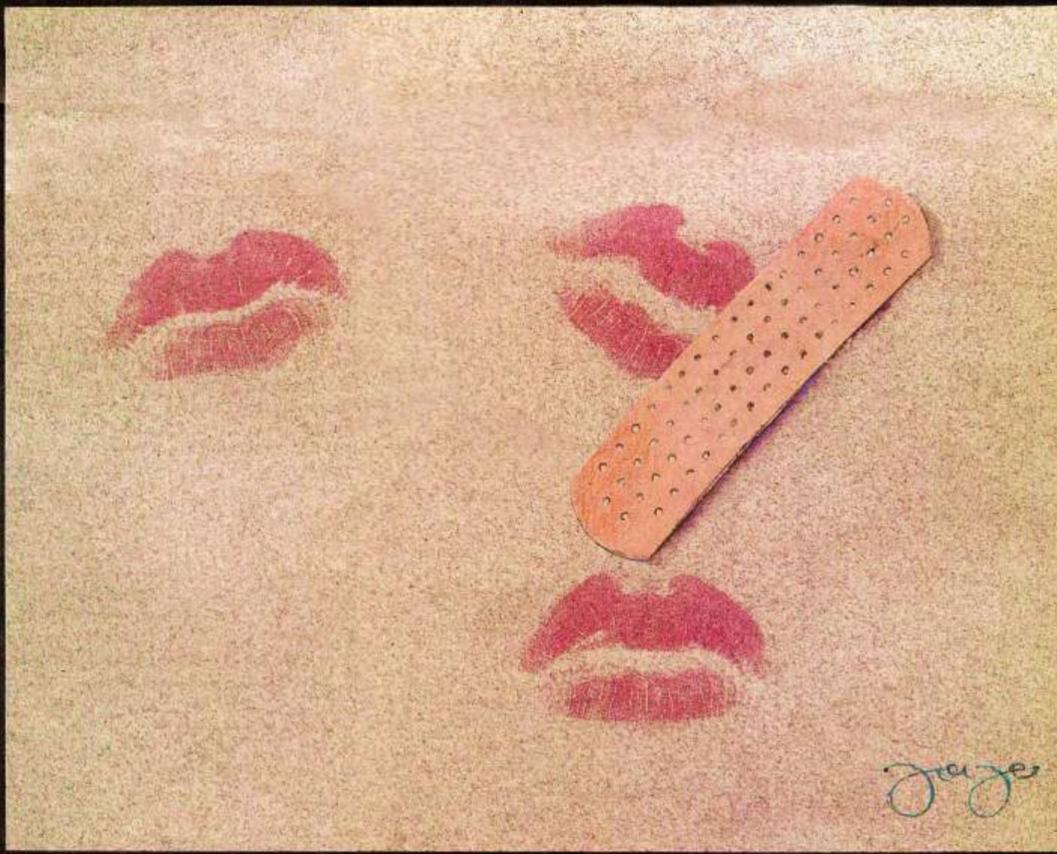
**DEPOIS DA SEPARAÇÃO, COMECEI A PERCEBER QUE EU TINHA VALOR E APRENDI A GOSTAR MAIS DE MIM. QUERIA QUE TODAS AS OUTRAS MULHERES TIVESSEM A CORAGEM DE TOMAR UMA ATITUDE QUANDO SÃO AGREDIDAS.**

(Joana, assistente social, 38 anos, ex-mulher de um médico)

# MULHERES CONTAM SUA GUERRA

Em depoimentos marcantes, mulheres que apanham dos maridos relatam seu drama doméstico.

MARINÊS CAMPOS



## PESQUISA

### O cruel retrato da violência

Os principais resultados da pesquisa da Rede Globo:

- A cada quatro minutos, a polícia registra uma agressão física contra a mulher no Brasil.
- A maioria das mulheres não denuncia as agressões. Motivos: depen-

dem economicamente do parceiro, têm filhos, vergonha ou dependência emocional.

● Seis em cada dez casos de violência envolvem casais das classes média e alta.

● O que provoca a agressão: a tensão criada pela crise financeira, o alcoolismo — em 80% dos casos, os maridos estão embriagados — e o machismo (eles não admitem ser contrariados em casa).

● Poucos casais sabem que a agressão é crime previsto no Código Penal com pena entre três meses e um

ano de detenção.

● Pouco mais de 10% dos casos de maridos e companheiros agressores chegam a julgamento. Desses, apenas 2% dos culpados são condenados.

● Homens denunciados raramente voltam a agredir suas mulheres.

● Sete em cada dez casos de homicídios envolvem ex-maridos, ex-amantes e ex-namorados inconformados com a separação.

● Em quase todos os casos de homicídio, há antecedentes de agressão e ameaça de morte.

VEJA AMANHÃ  
MORTE DE MULHER  
EM TUPÁ EM QUE O  
MARIDO É SUSPEITO

Marina tem 45 anos, três filhos adolescentes, esteve casada durante 24 anos com um empresário paulista e mora numa enorme e confortável casa na região dos Jardins. Há seis meses, depois de pelo menos oito anos de espancamentos, que custaram a ela lágrimas, fraturas e hematomas, Marina decidiu denunciar o marido numa Delegacia de Defesa da Mulher. "Apesar desses momentos de violência, ele sempre foi tudo para mim, nunca me deixou faltar nada", diz. "Só fui na delegacia para que meus filhos, um dia, não repetissem o comportamento do pai. Se ficasse quieta, ia deixar o exemplo de que quem agride fica impune."

Marina, porém, apesar de separada do empresário e da denúncia na polícia, se apressa em justificar as agressões que sofreu. "Ele é um homem sem amigos, que só pensa em trabalho, não tira férias. Quando ficava violento, estava simplesmente implodindo de cansaço. Mas era apenas um minuto de perda de controle. O homem se perde na competitividade de uma cidade grande. Quando fraturou meu braço, me levava café na cama e pedia perdão", diz. E ela sempre estava disposta a oferecer uma nova oportunidade de convivência: "Ele foi meu primeiro e único namorado, foi meu príncipe, o melhor homem que qualquer mulher poderia ter".

Só que esse homem, sempre, tinha "crises emocionais". E Marina, outra vez, era vítima de agressão. Ela, porém, prefere carregar a culpa sozinha: "Eu cuidava da saúde dele, da roupa dele, mas não soube cuidar dele como homem". E foi muito difícil tomar a decisão de procurar a polícia. "Fui arrasada", conta. Garante, porém, que quando chegar o momento da audiência na Justiça, tentará tudo para não ver o marido condenado. "Não vou permitir isso. Não acho justo julgar apenas momentos na vida de um homem. Ele não premeditou nada. Foram apenas minutos de explosão. Direi que, depois de me agredir, ele ajoelhava no chão e falava: 'Me perdoa, você não merece o que te fiz'".

O medo de levar a vida adiante sem o marido ainda assombra Marina: "Quando ele estava dormindo, eu olhava para ele e pensava o que seria de mim se um dia ele me faltasse".

Apesar de tudo, ela deixa um recado para outras mulheres que tenham sido ou venham a ser vítimas da violência dos companheiros: "Se houver uma agressão, nunca se deve deixar que aconteça outra vez. Que tentem o diálogo, vão à polícia ou peçam a separação. Quando acaba o respeito, o amor não resiste mais".

## DORES DA MULHER DE UM MÉDICO

Queixas por ameaças

Ele era tudo o que Joana sempre quis. Bonito, inteligente e médico. "Eu estava tão apaixonada, tão carente afetivamente, e eu tinha uma situação financeira muito boa", conta ela, hoje, 15 anos, dois filhos e três queixas em delegacias depois, desentendida com o príncipe que, no dia a dia do casamento, se transformou em sapo. "Ele casou comigo por dinheiro", admite a assistente social de 38 anos. O ex-marido, de quem ela se separou sete meses atrás, não está sozinho na profissão quando se trata de violência. "Eu gostaria que todo mundo soubesse quantas esposas de médicos apanham nesta cidade", revela Joana. "Ninguém pode imaginar como são agredidas e se calam." Afinal, um médico não deveria causar sofrimento às pessoas.

Joana nunca sofreu agressão. "Registrei três queixas em delegacias por ameaças de espancamento e de morte", conta. "Tenho dois filhos e eles seguraram o pai para evitar que me batesse." Depois do primeiro boletim de ocorrência, o médico não mudou o comportamento e continuou brigando. "Ele me disse 'pode ir, faz a queixa, sou conhecido, meus clientes são promotores e delegados'", lembra Joana. Foi só na terceira ocorrência policial de ameaça que ele decidiu fazer as malas e deixar a família em paz.

Hoje, os processos estão na Justiça e Joana garante ter aprendido uma grande lição. "Comecei a perceber que eu tinha valor, aprendi a gostar mais de mim. Queria que outras mulheres tivessem a coragem de tomar uma atitude quando são agredidas", diz. "Antes, em vez de eu pensar o que era realmente importante na relação, como o respeito, o companheirismo, valorizava o jeito dele lidar com a minha carência."